

Allan Kardec,

sua mediunidade e fenômenos
que protagonizou

(Allan Kardec foi médium?)



Paulo Neto

Allan Kardec, **sua mediunidade e fenômenos** **que protagonizou**

(Allan Kardec foi médium?)

“[...] as experiências dos séculos mostram quão tenazes são as ideias preconcebidas contra as quais só uma coisa é realmente eficaz: a obra do tempo!” (ERNESTO BOZZANO)

“A verdadeira força da compreensão consiste em não deixar o que sabemos confundir o que não sabemos.” (RALPH WALDO EMERSON)

Paulo Neto

Copyright 2023 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://ccdpe.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Captura-de-Tela-2022-12-08-as-16.01.50-768x514.png>

Revisão:

Artur Felipe Ferreira

Hugo Alvarenga Novaes

Júlio César Moreira da Silva

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Thiago Toscano Ferrari

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, agosto/2023.

Agradecimento

Agradecimento especial ao amigo

Adair Ribeiro Junior

Curador do museu AKOL

pela autorização do uso do quadro com Allan Kardec de autoria de St. Georges, que ele doou ao Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho Monteiro.

Índice

Prefácio.....	5
Introdução.....	7
Allan Kardec foi médium?.....	9
Fenômenos espíritas protagonizados por Allan Kardec.....	32
Conclusão.....	46
Referências bibliográficas.....	48
Dados biográficos do autor.....	51

Prefácio

Convidamos a todos que façam uso do raciocínio lógico diante dos fatos, que nos levam a conclusão, de que Allan Kardec era médium intuitivo. Pois bem, levantamos uma pergunta; se existe médium intuitivo, por que Allan Kardec, com primorosa missão de ser o codificador do Espiritismo, através dos Espíritos superiores, não o seria?

Fato é, que em vários contextos, podemos perceber essas intuições. Como, por exemplo, o episódio acontecido com a médium clarividente Srta. V... que narra ter visto vários Espíritos “alguns há que parecem muito elevados, e o inspiram; um deles especialmente parece ser superior a todos os demais, sendo-lhes objeto de deferências” (*), justamente quando elaborava a obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. O que nos remete a ser o Espírito da Verdade.

Com certeza Allan Kardec estava sendo intuído, mas não sabia, pois esta capacidade de ser

intuído por Espíritos superiores não poderia lhe tirar o mérito de formatar a Codificação através de sua própria concordância com o que havia compreendido. Desta forma, na medida que era intuído, também aprimoraria evolutivamente.

O comentário posterior de Allan Kardec à Srta. V... não deixa dúvidas. Todas as circunstâncias comungam na prova de que em realidade, a senhorita V... a tudo presenciava, não sendo joguete da própria imaginação.

Tal fato constituí para mim uma prova do interesse que os Espíritos tinham neste trabalho, bem como na assistência que a mim dispensam as minhas atividades.

Em *Allan Kardec, sua mediunidade e fenômenos que protagonizou*, o pesquisador Paulo Neto nos elenca fatos que, sem a menor dúvida, evidenciam que o Codificador foi médium intuitivo.

Shirley de Siqueira
Poços de Caldas (MG)

(*) KARDEC, *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006, p. 434.

Introdução

“Se tenho razão, todos acabarão por pensar como eu; se estou em erro, acabarei por pensar como os outros.”
(ALLAN KARDEC)

A nossa intenção, nesta pesquisa, é ter elementos suficientes para responder à questão: “Allan Kardec foi médium?”

Não raras vezes, ouvimos expositores e estudiosos espíritas afirmarem categoricamente que o Codificador não teria sido médium. A base para tal afirmação é uma negativa do próprio Allan Kardec (1804-1869), porém, o que se deve entender é que, simplesmente, ele se referia a não ser médium ostensivo, nada além disso.

Nosso propósito, não é “rebater” nenhum deles e muito menos os desprezar, colocando-nos, por puro orgulho, como o “dono da verdade”. O que nos move é apenas a verdade, esteja ela de que lado for.

Além disso, apresentaremos fenômenos espíritas ocorridos com o Mestre de Lyon que poucos conhecem, pois é preciso fazer quase que uma “garimpagem” nas obras da Codificação Espírita que publicara para detectá-los.

Allan Kardec foi médium?

“O que é evidente, para nós, pode não ser para vós outros; cada qual julga as coisas debaixo de certo ponto de vista, e do fato mais positivo nem todos tiram as mesmas consequências.” (ALLAN KARDEC)

Como dissemos, é muito comum ouvirmos de palestrantes, expositores e coordenadores de estudos doutrinários a afirmativa de que “Allan Kardec não foi um médium”.

Embora não tivéssemos nada para nos apoiar, achávamos isso algo estranho, pois a nossa impressão sempre foi a de que ele o era, por alguma coisa que havíamos lido, mas não sabíamos exatamente onde.

Há muitos relatos nas obras da Codificação que provam que Allan Kardec era, de fato, médium. Nós os citaremos no próximo capítulo.

Em obras literárias, espíritas ou não, é certo que encontraremos opinião contrária, como, por exemplo, em **Mediunidade** (1978), de autoria de J. Herculano Pires (1914-1979), que assim disse: “[...] Mas **o próprio Kardec não era médium**, porque a sua missão era científica e não mediúnica. [...]”. (1)

Por oportuno, citaremos a obra **A Mesa, o Livro e os Espíritos** (1990), o seu teor é de cunho acadêmico e histórico, na qual os seus autores, os antropólogos Marion Aubrée e François Laplantine, a primeira doutora em antropologia, o segundo seu professor-orientador, afirmam:

Obra que organiza uma coleta de dados, O *Livro dos Espíritos* não foi, como se afirmou, ditado pelos Espíritos – pois **Kardec nunca foi médium** – mas foi elaborado em colaboração com eles; dois especialmente o ajudaram: Z (2), e sobretudo, o Espírito da Verdade. [...]. (3) (itálico do original) (Nas transcrições e, às vezes, no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

De onde será que os autores Marion Aubrée e François Laplantine tiraram isso? É bem provável que encontremos a pista em Hermínio Corrêa de Miranda

(1920-2013), no seu texto intitulado **Allan Kardec e o Mistério de Uma Fidelidade Secular**, do qual transcrevemos:

Frequentemente, os ataques a Kardec buscam apoio em **pronunciamentos do médium escocês Daniel Dunglas Home**. No livro “Luzes e Sombras do Espiritualismo”, de Home, Vartier (4) vai buscar o seguinte: **“Sabe-se que Allan Kardec não foi médium**. Ele nada fazia senão magnetizar ou 'psicologizar' pessoas mais impressionáveis do que ele”. (5)

Fomos conferir na obra **Lights and Shadows of Spiritualism** (1878), versão inglesa, e lá se pode encontrar esta afirmação de Daniel Dunglas Home (1822-1886):

“É, ou deveria ser bem conhecido, que **Allan Kardec não era ele próprio um médium**. Ele simplesmente magnetizava ou usava da psicologia nas mentes mais frágeis e mais sensíveis do que a sua”.(6)

Nessa obra, o médium Daniel Dunglas Home não poupa críticas a Allan Kardec, apesar de o Codificador não o ter tratado da mesma forma,

quando, por várias vezes, se referiu a ele na *Revista Espírita*.

Interessante é que os dois autores Marion Aubrée e François Laplantine confirmam essa posição de Daniel Dunglas Home, acrescentando que, em 1923, o filósofo, metafísico e crítico social francês René Guénon (1886-1951), toma-lhe essa tese, que, seguramente, também foi absorvida por eles, conforme se pode ver à página 44, da obra **A Mesa, o Livro e os Espíritos**, que transcrevemos um pouco mais acima.

Vejamos o que ambos citam de René Guénon (7), autor de *L'Erreur Spirite*:

Sob o império de sua vontade enérgica, seus médiuns eram máquinas de escrever, que reproduziam servilmente seus próprios pensamentos. Se, às vezes, as doutrinas publicadas não estavam de acordo com seus desejos, ele as corrigia à vontade. **Sabe-se que Allan Kardec não era médium**. Ele conseguia magnetizar as pessoas que eram mais impressionáveis que ele. (8) (itálico do original)

Da forma como Marion Aubrée e François Laplantine colocaram, a impressão que se tem é que essa fala é de René Guénon; porém, ao confrontarmos diretamente com o que consta em *O Erro Espírita*, versão em português de sua obra, pudemos constatar que, na verdade, a fala é de Daniel Dunglas Home, que René Guénon cita mencionando como sua fonte as pp. 112-114 da obra “*Les Lumières et les Ombres du Spiritualisme*” (9). Aliás, é a mesma obra citada por Hermínio de Miranda, na versão francesa.

Acreditamos que é exatamente por conhecer e até citar o pensamento de Daniel Dunglas Home, é que, em **O Erro Espírita**, um pouco antes de mencioná-lo, o autor René Guénon, em crítica bem mordaz, disse:

[...] Efetivamente, posto que para os espíritas o homem é muito pouco mudado pela morte, não se pode confiar no que dizem todos os “espíritos”: existem os que podem nos enganar, seja por malícia, seja por simples ignorância, e é assim como pretendem explicá-las “comunicações” contraditórias; somente nos cabe perguntar como podem distinguir-se de outros os “espíritos superiores”. Seja como for, **há uma opinião** que

está bastante estendida, inclusive entre os espíritas, **e que é inteiramente errônea: é que Allan Kardec teria escrito seus livros sob uma espécie de inspiração; a verdade é que ele mesmo jamais foi médium**, que era ao contrário um magnetizador (e dizemos ao contrário porque ambas as qualidades parecem incompatíveis), e que é por meio de seus “sujeitos” como obtinha as “comunicações”. Quanto aos “espíritos superiores” por quem estas foram corrigidas e coordenadas, não eram todos “desencarnados”; Rivail mesmo não foi alheio a este trabalho, mas não parece ter tido nele a maior parte; acreditam que a coordenação dos “documentos de além-túmulo”, como se dizia, deve atribuir-se, sobretudo a diversos membros do grupo que se formou ao redor dele. (10)

Infelizmente muitas pessoas agem com ingenuidade acreditando piamente no que os outros dizem, sem se preocuparem em saber se é verdade ou não; com isso, muitas vezes, acabam como que abrindo “um saco cheio de penas” no topo de um elevado monte, espalhando, pelo ar, mentiras ou calúnias.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de novembro, tem-se um relato sobre a manifestação de Frédéric Soulié (11), ditando o conto “Uma noite esquecida”

através da médium Caroline Baudin. Antes de transcrevê-lo, o Codificador faz algumas considerações, das quais destacamos:

No correr do ano de 1856, as experiências de manifestações espíritas que se fizeram na casa do senhor B... [Sr. Baudin], rua Lamartine, aí atraíram uma sociedade numerosa e escolhida. **Os Espíritos que se comunicavam nesse círculo**, eram mais ou menos sérios; alguns aí **disseram coisas admiráveis de sabedoria, de uma profundidade notável**, o que pode se julgar, pelo *O Livro dos Espíritos* que aí foi começado e feito em sua maior parte. [...]. ⁽¹²⁾

Temos também informações a respeito da médium:

O médium que lhe servia de intérprete era a senhorita Caroline B..., uma das filhas do senhor da casa, **médium do gênero exclusivamente passivo, não tendo jamais a menor consciência daquilo que escrevia**, e podendo rir e conversar à direita ou à esquerda, o que fazia de bom grado, enquanto a sua mão caminhava. **O meio mecânico empregado foi, durante muito tempo, a cesta pião**, descrita em nossa instrução prática. Mais tarde, o médium serviu-se da psicografia direta. ⁽¹³⁾ (itálico do original)

Neste trecho das considerações de Allan Kardec é que encontraremos o fenômeno espírita:

[...] Não a damos como obra de uma alta importância filosófica, mas como uma curiosa amostra de um trabalho de longo fôlego obtido dos Espíritos. Notar-se-á como tudo nele tem sequência, como tudo se encadeia com uma arte admirável. O que há de mais extraordinário, é que esse relato reprisou-se cinco ou seis vezes diferentes, e frequentemente depois de interrupções de duas a três semanas; ora, a cada reprise, o relato se seguia como se fora escrito de um golpe, sem riscos, sem retorno e sem que houvesse necessidade de lembrar o que havia precedido. Dêmo-lo tal como saiu do lápis do médium, sem mudar nada, nem no estilo, nem nas ideias, nem no encadeamento dos fatos. Algumas repetições de palavras, e alguns pequenos pecados de ortografia tendo sido assinalados, **Soulié nos encarregou pessoalmente de retificá-los, dizendo que nos assistiria nisso;** quando tudo terminou, ele quis rever o conjunto, ao qual não fez senão algumas retificações sem importância, e dar autorização de publicar como se o entendesse, fazendo, disse ele, de bom grado a renúncia de seus direitos de autor. [...]. (14)

Há um detalhe importante que não poderemos deixar de citá-lo, que é o fato de Frédéric Soulié ter dito que assistiria a Allan Kardec na tarefa que lhe

incumbira de retificar os “pequenos pecados de ortografia”, porquanto, o Codificador só captaria o pensamento do romancista francês caso ele possuísse algum tipo de mediunidade, a de intuição, por exemplo.

Vejamos na **Revista Espírita 1859**, mês de fevereiro, no artigo “Escolhos dos médiums”, como foi que Allan Kardec qualificou um médium:

[...] **Quem está apto para receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, qualquer que seja o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos.** Todavia, em seu uso ordinário, essa palavra tem uma acepção mais restrita, e se diz, geralmente, de pessoas dotadas de um poder mediúnico muito grande, seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra. ⁽¹⁵⁾

Infelizmente, são poucos os estudiosos que percebem que há duas situações para classificação de um médium: uma no sentido amplo e outra no restrito. No sentido amplo, pode-se dizer que todos

somos médiuns; já no sentido restrito aplica-se àqueles em que essa faculdade se manifesta de forma evidente, produzindo os fenômenos de efeitos físicos ou transmitindo o pensamento dos Espíritos; são médiuns ostensivos.

Sobre essa distinção recomendamos aos interessados os nossos ebook **“*Todos nós somos médiuns?*”** (16) e **“*Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?*”** (17)

Allan Kardec volta novamente ao tema, tornando-o ainda mais claro, em ***O Livro dos Médiuns*** e em ***Obras Póstumas***, respectivamente:

Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo **não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar.** Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns. **Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada,** que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Deve-se notar, ainda, que essa faculdade não

se revela em todos da mesma maneira. [...]. (18)

Toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. **Essa faculdade é inerente ao homem, e, por conseguinte, não é, de nenhum modo, um privilégio exclusivo**: também há poucos nos quais não se lhe encontra algum rudimento. **Pode-se, pois, dizer que todo o mundo, com pequena diferença, é médium**; todavia, no uso, essa qualificação não se aplica senão naqueles nos quais a faculdade mediúnica se manifesta por efeitos ostensivos de uma certa intensidade. (19)

Apenas ressaltaremos, pois não podemos jamais perder isso de vista, que “Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium”.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de março, no artigo “O Senhor Home”, encontramos:

[...] Essa faculdade, como, aliás, já o dissemos, **não é um privilégio exclusivo; ela existe em estado latente**, e em diversos graus, numa multidão de indivíduos, não esperando senão uma ocasião para se desenvolver; **o princípio está em nós pelo próprio efeito da nossa organização; está na Natureza; todos nós temo-lo em germe**, e não está longe o dia em que **veremos os**

médiuns surgirem de todos os pontos, no nosso meio, em nossas famílias, no pobre como no rico, a fim de que a verdade seja conhecida por todos, porque, segundo o que nos está anunciado, é uma nova era, uma nova fase que começa para a Humanidade. A evidência e a vulgarização dos fenômenos espíritas darão um novo curso às ideias morais, como o vapor deu um novo curso à indústria. (20)

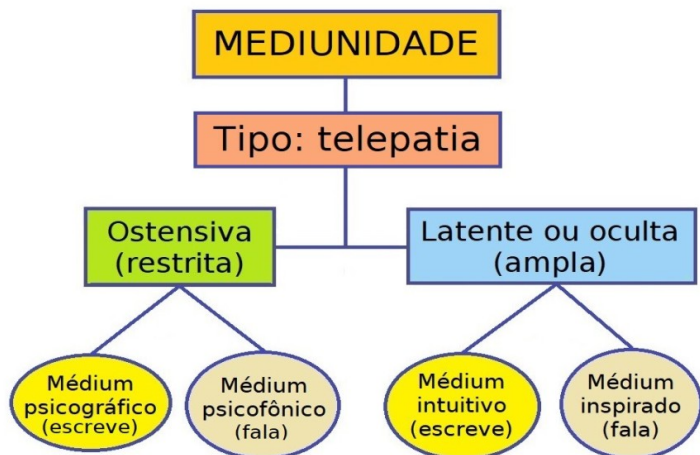
Concluimos que todos nós somos médiuns em potencial, uma vez que a mediunidade é uma característica, ou uma faculdade, como queiram, própria da Natureza humana. É o que também encontramos em Channing, que, em ***O Livro dos Médiuns***, discorrendo sobre os médiuns, disse:

Todos os homens são médiuns. Todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando eles sabem escutá-lo. **Quer alguns se comuniquem diretamente com ele, graças a uma mediunidade especial**, quer outros só o escutem pela voz interna do coração e da mente. Isso pouco importa, pois é sempre o mesmo Espírito familiar que os acompanha. Chamai-o Espírito, razão, inteligência, será sempre **uma voz que responde à vossa alma**, dizendo-vos boas palavras. Acontece, porém, que nem sempre as compreendeis. [...] Ouvi pois essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e

chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo da guarda que vos estende a mão do alto do céu. Repito, a voz interior que fala ao coração é a dos Espíritos bons. **E é desse ponto de vista que todos os homens são médiums.** (21)

Mas o que aqui nos propomos é descobrir se Allan Kardec foi médium no sentido restrito, ou seja, se ele possuía alguma faculdade mediúnica ostensiva ou mesmo oculta pela qual poderíamos classificá-la entre os vários tipos de mediunidade.

Elaboramos o seguinte quadro visando facilitar o entendimento:



Paulo Neto

É oportuno destacar do item 191 de **O Livro dos Médiuns**, pela tradução de Herculano Pires, a seguinte definição:

Médiuns intuitivos: – **Os que recebem as comunicações dos Espíritos mentalmente, mas escrevem por vontade própria.** Diferem dos médiuns inspirados porque estes não têm necessidade de escrever, enquanto **o médium intuitivo registra o pensamento que lhe é sugerido** rapidamente sobre determinado assunto que lhe foi proposto. [...]. (22)

Temos, portanto, que a comunicação mental, via intuição ou inspiração, não é outra coisa senão o que atualmente designamos de telepatia; termo que, segundo o *Houaiss*, somente veio constar de um dicionário no ano de 1899.

Como veremos, de forma a não deixar dúvida alguma, será esse tipo de médium que se deve classificar o Codificador do Espiritismo.

Em **Obras Póstumas**, registra que, na noite de 24 de março de 1856, Allan Kardec se tornou o protagonista de um fenômeno mediúnico de efeito físico. Estava ele, em sua casa, trabalhando quando

ouviu repetidas batidas, cuja origem era-lhe desconhecida. No capítulo próprio vamos detalhar essa ocorrência.

No dia seguinte, ou seja, 25 de março, numa sessão na casa do Sr. Baudin, Allan Kardec pergunta ao Espírito Z, o que lhe havia acontecido com no dia anterior. A resposta foi que “era seu Espírito familiar”, que “queria comunicar-se contigo” (22). Este se identificou dizendo “Para ti, chamar-me-ei *A Verdade*” (23), e explicando o motivo das batidas, disse “O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho a que te aplicavas: desagradava-me o que escrevia e quis fazer que o abandonasse” (24).

De fato, Allan Kardec depois confirmou que havia um erro grave na 30ª linha, que o surpreendeu de tê-lo cometido. (25)

Esse episódio de batidas só poderia ocorrer se tivesse um doador de ectoplasma, energia necessária para a produção desse tipo de fenômeno de efeito físico. Em ***Dicionário de Filosofia Espírita***, Lamartine Palhano Jr. (1946-2000) assim a define:

Substância que emana do corpo de um médium capaz de produzir fenômenos de efeitos físicos ou aparições à distância. Trata-se de uma exalação fluídica, sensível ao pensamento, visível ou invisível, plástica, inodora, insípida, originalmente incolor, que tem semelhança de uma massa protoplasmática. ⁽²⁶⁾

Provavelmente, Allan Kardec foi o doador dessa energia, uma vez que, naquele momento, ele estava sozinho em casa, já que Amélie Gabrielle Boudet (1795-1883), sua esposa, chegara por volta das dez horas, ouvindo também as pancadas ⁽²⁷⁾; entretanto, como não temos informação de que algo parecido tenha acontecido posteriormente, falta elementos para o identificar como sendo médium de efeitos físicos.

Allan Kardec, no diálogo com o Espírito da Verdade, pergunta-lhe: “Poderei evocar-te em minha casa?”, tendo dele, a seguinte resposta: “Sim, **para te assistir pelo pensamento**: mas, para respostas escritas em tua casa, só daqui a muito tempo poderás obtê-las.” ⁽²⁸⁾

Bom, aqui já dá para concluir que o Codificador foi, na pior das hipóteses, **um médium intuitivo**,

que era assistido por pensamento pelo seu guia Espírito da Verdade. É certo que surgirão objeções quanto a essa nossa conclusão; entretanto, demonstraremos, na sequência, que a razão nos assiste.

Em um dos diálogos com o Espírito Pierre Le Flamand, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de maio, que será transcrito mais à frente, diz “ele nos melhora bem”. Ora, que interessante se isso como dito, então não podemos ter outra conclusão senão a de que Allan Kardec era médium intuitivo.

Na **Revista Espírita 1861**, mês de novembro, encontramos um discurso de Allan Kardec aos espíritas de Bordeaux, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, fui ajudado pelos Espíritos, assim como eles me disseram várias vezes, mas **sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra**, e hoje compreendo que é feliz para mim que assim o seja. Por uma mediunidade efetiva, não teria escrito senão sob uma mesma influência; seria levado a não aceitar com verdade senão o que me teria sido

dato, e isso talvez errado; ao passo que, na minha posição, convinha que tivesse uma liberdade absoluta para tomar o bom por toda parte onde ele se encontrasse, e de qualquer lado que viesse; portanto, pude fazer uma escolha de diversos ensinamentos, sem prevenção, e com inteira imparcialidade. [...]. (23)

Aqui, Allan Kardec confessa que não tem a mediunidade ostensiva, a que classificara como de sentido restrito, ou seja, que não tinha “**um poder mediúnico muito grande**,... para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra” (24); porém, era de alguma forma médium, fato que já percebemos e que também comprovaremos a seguir.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de janeiro, o Codificador publicou o artigo intitulado “Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, sobre o qual disse: “A Teoria que apresentamos é, pois, uma opinião pessoal; nos parece concordar com a razão e com a lógica; é o que lhe dá, aos nossos olhos um certo grau de probabilidade.” (25)

Para certificar-se que seu raciocínio não era impróprio, ele envia a diferentes grupos espíritas a

seguinte pergunta: “Que pensar da teoria emitida a este respeito (dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido no artigo publicado acima por Allan Kardec?” (26)

Como veremos dois Espíritos se apresentaram dizendo a Allan Kardec que “são palavras inspiradas pelos Espíritos do bem” (27) e que “em realidade, não fez senão dar uma forma às [ideias] que lhe eram inspiradas” (28).

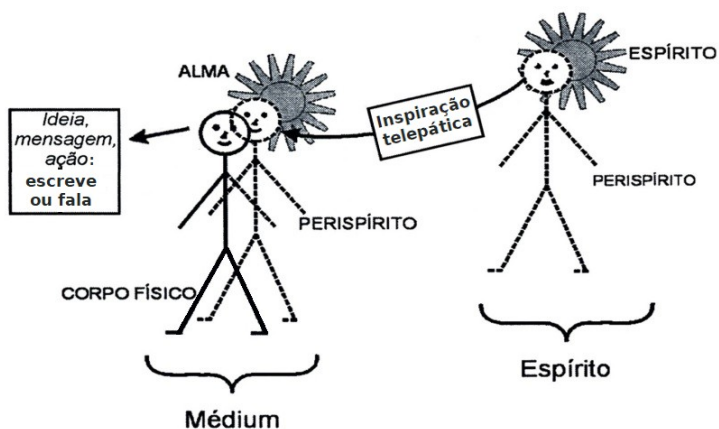
A nossa principal questão será: qual tipo de médium? Acreditamos que Allan Kardec era médium intuitivo, tomando da definição em **O Livro dos Médiuns**, 2ª parte, cap. XVI, item 191, que oportunamente mencionaremos.

Temos registrada em **Obras Póstumas**, uma mensagem destinada a Allan Kardec, datada de 14 de setembro de 1863, sobre a qual o Codificador fez a seguinte observação:

O plano da obra fora, de fato, completamente modificado, o que sem dúvida o médium não podia saber, pois que ele estava em Paris e eu em Sainte-Adresse. Tampouco podia saber que o Espírito de Verdade me falara da atitude de revolta

do Bispo de Argélia e outros. **Todas essas circunstâncias eram bem urdidas para me comprovar que os Espíritos tomavam parte em meus trabalhos.** (29)

Nesse desenho, que foi adaptado, temos o que possivelmente ocorre no fenômeno da inspiração:



Então a ideia que o Espírito inspira telepaticamente ao médium, tem duas formas de manifestar através dele: ou pela escrita ou pela fala. Quando ocorre com um médium ostensivo, designamos, respectivamente, de psicográfico e psicofônico. Já no caso de uma influência oculta, são

classificados como médiuns intuitivos e inspirados.

Podemos também corroborar o fato das inspirações pelos Espíritos tomando das próprias palavras de Allan Kardec, registradas na **Revista Espírita 1867**, mês de setembro, no artigo “Caracteres da revelação espírita”; senão vejamos:

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. **Além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas**, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, - em outros tempos eu teria dito: como por encantamento -, de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos de que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso. ⁽³⁰⁾

Ora, dizer que “sem ter nenhuma das

qualidades exteriores da mediunidade efetiva” e “além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas”, é o mesmo que afirmar sobre a mediunidade intuitiva, porquanto, pelo pensamento, os Espíritos transmitiam a Allan Kardec suas ideias, das quais ele, sem suspeitar disso, as escreviam como se fossem dele, conforme lhe foi dito.

Portanto, cremos ter chegado ao nosso objetivo, que era demonstrar que Allan Kardec **foi, sim, médium intuitivo.**

Foi bom sabermos que a nossa conclusão não é isolada, pois o prof. João Francisco Regis de Moraes, autor da obra ***Cáritas e Sua Prece Histórica***, a certa altura, taxativamente, diz que:

[...] **Kardec era médium de intuição, certamente;** mas não tinha manifestações mediúnicas como psicografia, psicofonia, clarividência etc. [...]. ⁽³¹⁾

Isso também põe por terra a opinião do antiespírita René Guénon, como vimos, em *O Erro Espírita*, de que Allan Kardec “jamais foi médium”.

⁽³²⁾ Como, anteriormente, dissemos, René Guénon

nada mais faz que tomar para si as ideias do Sr. Home. Porém, ele usa o termo “inspiração”; nós “intuição”; qual é a diferença entre ambos?

Na intuição o médium escreve a ideia que o Espírito lhe inspira, enquanto, que na inspiração o médium fala, temos, portanto, algo bem semelhante à psicografia e a psicofonia, se assim podemos falar para um melhor entendimento da diferença entre um e outro.

Assim, entendemos que o termo correto a ser usado, para definir a mediunidade de Allan Kardec, é o de intuição e não o de inspiração.

Vários episódios que, definitivamente, comprovam a sua mediunidade de intuição deixamos para citá-los no próximo capítulo, por achar que teriam mais a ver com o contexto.

Fenômenos espíritas protagonizados por Allan Kardec

“Contra os fatos não há nem oposição nem negação que possam prevalecer.”
(ALLAN KARDEC)

Antes de adentrarmos na *Revista Espírita*, apresentaremos o primeiro fenômeno espírita ocorrido com Allan Kardec, que havíamos prometido narrar. Encontra-se registrado em ***Obras Póstumas***, no cap. “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, narrado pelo próprio Codificador:

25 de março de 1856

(Em casa do Sr. Baudin; médium: Srta. Baudin)

MEU GUIA ESPIRITUAL

Morava eu, por essa época, na rua dos Mártires, nº 8, no segundo andar, ao fundo. **Uma noite, estando no meu gabinete a trabalhar, pequenas pancadas se fizeram ouvir na parede que me separava do aposento vizinho.** A princípio, nenhuma atenção lhes dei; como, **porém, elas se repetissem mais fortes, mudando de lugar,**

procedi a uma exploração minuciosa dos dois lados da parede, escutei para verificar se provinham do outro pavimento e nada descobri. O que havia de singular era que, de cada vez que eu me punha a investigar, o ruído cessava, para recomeçar logo que eu retomava o trabalho. **Minha mulher entrou da rua por volta das dez horas; veio ao meu gabinete e, ouvindo as pancadas, me perguntou o que era.** Não sei, respondi-lhe, **há uma hora que isto dura.** Investigamos juntos, sem melhor êxito. **O ruído continuou até à meia-noite, quando fui deitar-me.** ⁽³³⁾

Foi bem um fenômeno inusitado, para o qual não encontramos uma explicação, uma vez que, até onde pudemos chegar, não há nada que nos leve à conclusão de que o Codificador tenha sido médium de efeito físico e, além disso, foi somente uma ocorrência desse tipo.

No último parágrafo do artigo “Os agêneres”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de fevereiro, Allan Kardec conta o seguinte:

Um fato quase análogo nos é pessoal. Enquanto estávamos pacificamente em nossa cama, **um dos nossos amigos viu-nos várias vezes em sua casa, embora sob uma aparência**

não tangível, sentado ao seu lado e conversando com ele como de hábito. Uma vez nos viu com roupão, outras vezes com paletó. **Transcreveu nossa conversa, que nos comunicou no dia seguinte. Ela era, pensando bem, relativa aos nossos trabalhos prediletos.** Para fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos, e eis nossa resposta: “Deles não necessito, uma vez que não é meu corpo que aqui está; vós o sabeis, não há nenhuma necessidade de vos produzir uma ilusão.” Uma circunstância, bastante bizarra, se apresentou na ocasião. Seja predisposição natural, seja resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios desde nossa juventude, poderíamos dizê-lo desde a infância, o fundo do nosso caráter sempre teve uma extrema gravidade, mesmo na idade em que não se pensa mais do que no prazer. Essa preocupação constante nos dá um encontro muito frio, excessivamente frio mesmo; ao menos é pelo que somos frequentemente censurados; mas, sob essa falsa aparência glacial, o Espírito sente, talvez mais vivamente, como se tivesse mais expansão exterior. Ora, **em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, este ficou surpreso por nos achar diferente; éramos mais aberto, mais comunicativo, quase alegre.** Tudo respirando, em nós, a satisfação e a calma do bem-estar. Não está aí um efeito do Espírito desligado da matéria? ⁽³⁴⁾

No estado de emancipação da alma provocado pelo sono, Allan Kardec conversava sobre seus

trabalhos prediletos com o amigo. O curioso é que nesse momento ele se tornara “mais aberto, mais comunicativo, quase alegre”, contrastando com sua “aparência glacial” quando no seu normal estado de vigília.

Avançando para o mês de maio, temos publicado na **Revista Espírita 1859** o artigo “Cenas da vida particular espírita” que registra dois diálogos com Pierre Le Flamand (Espírito). Do último deles, destacamos o seguinte trecho, ao qual inserimos a imagem ilustrativa (35):

47. **Voltemos ao senhor Allan Kardec.** – R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... Ah! ele nos melhora bem. A nós outros, pobres Espíritos; se não nos conhecerem não será por culpa sua.

48. Estava só? – R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas **havia, ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.**



49. Ele os ouvia? – R. **Ouvia-os, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído**, para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.

Nota. – O fato era perfeitamente exato.

50. Entre todos esses Espíritos, não o reconheceste? – R. Não; não são os da minha sociedade; eu tinha o ar de um intruso e postei-me num canto para observar.

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? – R. Eu o creio muito! Sobretudo, **havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia** e que tinham o ar de se aconselharem com outros; ele, **ele acreditava ingenuamente que as ideias eram dele**, e com isso parecia contente. ⁽³⁶⁾

Como alhures dissemos, se Allan Kardec chegou a ouvir Espíritos murmurando ao seu redor, conseguindo até mesmo escrever o que alguns deles lhe soprava; então, podemos, mais uma vez, confirmar que ele, de fato, era médium intuitivo.

Aliás, o que acontece muito com os médiuns “intuitivos e inspirados” é que, geralmente, acham que o que é por eles escrito ou falado seja de sua própria criação, nem sequer pensam ser de outra

fonte.

Ainda na **Revista Espírita 1859**, agora no mês de setembro, temos o artigo “Morte de um espírita”, do qual transcrevemos este trecho:

(Sociedade, 8 de julho de 1859)

O senhor J..., negociante do departamento da Sarthe, que morreu em 15 de junho de 1859, **era um homem de bem, sob todos os aspectos**, e de uma caridade sem limites. Ele **fizera um estudo sério do Espiritismo**, do qual era um dos fervorosos adeptos. Como assinante da *Revista Espírita*, **tinha relações indiretas conosco, sem que nos vissemos**. Evocando-o, [...] era para nós um objeto de estudo interessante do ponto de vista da influência que pode ter o conhecimento aprofundado do Espiritismo sobre o estado da alma depois da morte.

1. *Evocação.* – R. Estou aqui há algum tempo.

2. Não tive o prazer de vos ver; não obstante, me reconheceis? – R. Eu vos reconheço tanto melhor **quanto se vos visitasse frequentemente, e porque tive mais de uma conversa convosco, como Espírito, durante a minha vida.**

Nota. – Isso confirma o fato muito importante e do qual tivemos numerosos exemplos, de comunicações que os homens têm entre si, com o seu desconhecimento durante a sua vida. Assim, **durante o sono do corpo, os Espíritos viajam e se visitam reciprocamente.** Eles trazem, ao

despertar, uma intuição das ideias que hauriram nessas conversas ocultas, mas das quais ignoram a fonte. Temos, dessa maneira, durante a vida, uma dupla existência: a existência corpórea que nos dá a vida de relação exterior, e a existência espírita, que nos dá a vida de relação oculta. (37)

Aqui temos a inusitada ocorrência de dois Espíritos encarnados, que, durante o sono, confabularam algumas vezes, certamente, porque nesses momentos suas almas estavam emancipadas do corpo físico.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de abril, Allan Kardec diz que recebeu diversas respostas entre elas as relativas ao teor do artigo intitulado “Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos” (38). Entre elas, destacamos estas duas:

1ª) Assinada por “Vosso guia Espiritual”, pelo médium Sr. Barão de Kock:

Sobre este artigo não tenho senão poucas palavras a dizer, senão que é sublime de verdade; nada há a acrescentar, nada há a suprimir; bem felizes aqueles que unirem fé a essas belas palavras, aqueles que aceitarão esta Doutrina escrita por Kardec. Kardec é o homem

eleito de Deus para instrução do homem desde o presente; **são palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores.** Acrescentai-lhe fé; lede, estudai toda esta Doutrina: é um bom conselho que vos dou. (39)

2ª) Assinada por “Paul, Espírito protetor”, recebida pela Sra. Delton:

Não direi nada diverso sobre essa interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos decaídos, senão que ela faz parte dos ensinamentos que devem vos ser dados, a fim de dar, às coisas mal compreendidas, seu verdadeiro sentido. **Não creiais que o autor desse artigo o haja escrito sem assistência, como ele mesmo pensou; acreditou emitir suas próprias ideias e foi por isso que dela se duvidou, ao passo que, em realidade, não fez senão dar uma forma às que lhe eram inspiradas.**

Sim, está com a verdade quando disse que os anjos rebeldes estão ainda sobre a Terra, e que são os materialistas e os ímpios, aqueles que ousam negar o poder de Deus, [...]. (40)

Fica claro que ao escrever o artigo sobre os anjos decaídos Allan Kardec estava sendo inspirado pelos Espíritos do bem, ou seja, ele “não fez senão dar uma forma às [ideias] que lhe eram inspiradas”,

em razão disso, portanto agiu como médium intuitivo.

A 14 de setembro de 1863, em Paris, uma mensagem é dirigida a Allan Kardec, conforme foi registrada em **Obras Póstumas**, da qual destacamos o seguinte trecho:

Quero falar-te de Paris, embora isso não me pareça de manifesta utilidade, uma vez que **as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas**. Nossa ação, principalmente a do *Espírito de Verdade*, é constante ao teu derredor e tal que não a podes negar. Assim sendo, não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra, plano que, **segundo meus conselhos ocultos, modificaste tão ampla e completamente**. Compreendes agora por que precisávamos ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra, que não a da Doutrina. **Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado**. [...]. (41)

A afirmativa de que “as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade

de que nem tu mesmo suspeitas” é a confirmação do que estamos dizendo, sobre Allan Kardec ter sido médium intuitivo.

No artigo “Imitação do Evangelho – Fenômeno de clarividência”, datado de 20 de outubro de 1863, constante de **Obras Póstumas**, Allan Kardec relata um episódio acontecido com a médium clarividente Srta. V..., que de Paris o vê em Ségur, cerca de 660 km de distância.

Da narrativa, destacamos o seguinte trecho que inicia com uma pergunta de Amélie Gabrielle Boudet, consorte do Codificador, à Srta. V...:

– “Uma vez que não podereis avistar-vos com meu marido, o que ele muito lamentará, não poderíeis transportar-vos em Espírito até onde se encontra, e vê-lo?”

Por um instante, recolheu-se a Senhorita, e disse:

– “Sim, vejo-o; acha-se num aposento muito iluminado, no pavimento térreo; há ali três janelas... Oh!... e como tudo é alegre! A casa é circundada por jardins... por toda parte árvores e flores... Tudo respira a calma e tranquilidade... Ele está sentado, próximo a uma janela, trabalhando...

Está cercado por uma multidão de Espíritos

que lhe conservam a boa saúde... **alguns há que parecem muito elevados, e o inspiram; um deles especialmente parece ser superior a todos os demais**, sendo-lhes objeto de deferências. (42)

O interessante dessa narrativa é constatar que a médium clarividente Srta. V... viu os Espíritos inspirando Allan Kardec, quando ele se ocupava na elaboração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Particularmente, não temos dúvida de que aquele que era superior aos demais se trata do Espírito de Verdade.

Em nota o Codificador, dá sua opinião sobre a médium. Dela destacamos o seguinte trecho:

[...] Todas as circunstâncias comungam na prova de que, em realidade, a Senhorita V... a tudo presenciava, **não sendo joguete da própria imaginação**. Tal fato constitui-se, para mim, numa prova do interesse que os Espíritos tinham por esse trabalho, bem como da **assistência que a mim dispensam** e a minhas atividades. (43)

Do artigo “Mediunidade mental”, publicado na **Revista Espírita 1866**, mês de março,

transcrevemos o seguinte trecho de seus parágrafos iniciais:

Um de nossos correspondentes nos escreve de Milianah (Argélia):

“A propósito do **desligamento do Espírito que se opera em todo o mundo durante o sono**, meu guia espiritual mo exerce durante a vigília. **Enquanto o corpo está entorpecido, o Espírito se transporta ao longe, visita as pessoas e os lugares de que gosta**, e reentra em seguida sem esforço. O que me parece mais surpreendente é que, enquanto estou como em catalepsia, tenho o sentimento desse desligamento. Também o exerço no recolhimento, o que me proporciona a agradável visita de Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados. [...] **A conversação mental se estabelece, como na comunicação intuitiva**, e esse gênero de conversa tem alguma coisa de adoravelmente íntimo. Frequentemente meu irmão e minha irmã, encarnados, me visitam, acompanhados às vezes de meu pai e de minha mãe, do mundo dos Espíritos.

“**Há alguns dias apenas, tive a vossa visita, caro mestre, e pela doçura do fluido que me penetrava, acreditei que era um de nossos bons protetores celestes**; julgai de minha alegria em **reconhecendo**, em meu pensamento ou antes em meu cérebro, como **o próprio timbre de vossa voz**. Lamennais nos deu uma comunicação a esse respeito, e deve encorajar os meus esforços. **Eu não saberia vos dizer o encanto que dá esse**

gênero de mediunidade. Se tendes junto a vós alguns médiuns intuitivos, habituados ao recolhimento e à tensão de espírito, eles podem tentar do mesmo modo. Evoca-se, e, em lugar de escrever, conversa-se, exprimindo bem a sua ideia, sem verbiagem;“ (44)

As vibrações elevadas que Allan Kardec emitia, na condição de Espírito emancipado, fez com que o seu correspondente o confundisse com algum Espírito protetor. Sabemos que as vibrações dos Espíritos têm relação direta com o seu estágio evolutivo, daí poderemos concluir que o Codificador deveria ser um Espírito da 2ª ordem.

Como alguns casos têm relação com o sono, inclusive, com Allan Kardec dialogando com uma pessoa viva, é oportuno trazermos de **O Livro dos Médiuns**, cap. XIV – Dos Médiuns, algo constante do item 167, que trata dos médiuns videntes:

Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam a lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico ou próximo do sonambulismo. É raro que esta faculdade seja permanente; resulta,

quase sempre, de uma crise passageira. Podemos incluir, na categoria dos médiuns videntes, todas as pessoas dotadas de dupla vista. **A possibilidade de ver os Espíritos quando sonhamos não deixa de ser uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, a mediunidade de vidência.** [...]. (45)

Amplia-se, desse modo, a relação de pessoas que são médiuns sem o saberem, se levarmos em conta o que está aí colocado.

Como estaremos, em breve, relendo a coleção da *Revista Espírita*, novas situações ou novos casos poderão surgir, certamente, serão acrescentados a este artigo. Caro leitor, tenha conhecimento de alguma que aqui não foi citada, lhe pedimos o favor de nos informar: paulosnetos@gmail.com

Encontramos várias fontes que dão notícias de inúmeras manifestações póstumas de Allan Kardec, entre elas incluindo uma materialização em meados de dezembro de 1953. A quem se interessar em conhecer algo a respeito, recomendamos nosso ebook “**Allan Kardec e suas manifestações Póstumas**”. (46)

Conclusão

“Cuidado com a sua forma de pensar, pois quando uma pessoa se fanatiza, ela passa a não enxergar nada mais além daquilo que acredita ser verdade.” (Paulo Neto)

Sinceramente, a nós está mais do que provado que Allan Kardec era médium de intuição. A falsa ideia de que ele não era médium, até ele mesmo pensou assim, reside no fato de que esse tipo de mediunidade não tem um caráter ostensivo, daí não ser facilmente percebido.

Na verdade, essa é uma mediunidade comum a todos nós, porém o que ocorre, como vimos o próprio Codificador passar por isso, é que os Espíritos nos “sopram” suas ideias e nós, em quase 100% das situações, tomamos como sendo a nossa criatividade em funcionamento. Não raras vezes, até mesmo inchamos o peito, dizendo aos botões da camisa que vestimos: “Como sou inteligente”. Passamos por ridículos e não nos damos conta.

Referências bibliográficas

- AUBRÉE, M e LAPLANTINE, F. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2009.
- GUÉNON, R. *L'erreur spirite*. Paris: Ed. Traditionnelles, 1984.
- GUÉNON, R. *O Erro Espírita*. São Paulo: Instituto René Guénon, 2010.
- HOME, D. D. *Lights and Shadows of Spiritualism*. London: Virtue, 1878.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.
- MIRANDA, Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular, in *Reformador*, ano 91, abril 1973, edição 4, p. 11.
- MORAIS, R. *Cáritas e sua prece histórica*. Campinas, SP: Editora Allan Kardec, 2006.

PALHANO JR. L. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro: CELD, 2004.

PIRES, J. H. *Mediunidade: vida e comunicação. Conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*. São Paulo: EDICEL, 1987.

Periódico:

Reformador, ano 91, abril 1973, edição 4, Rio de Janeiro: FEB, p. 9-12.

Internet:

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/960-mediuns-sao-somente-os-que-sentem-a-influencia-dos-espíritos-ebook>. Acesso em: 09 mar. 2023.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Allan Kardec e suas manifestações póstumas*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/978-allan-kardec-e-suas-manifestacoes-postumas>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Todos nós somos médiuns?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/735-todos-somos-mediuns>. Acesso em: 09 mar. 2023.

Allan Kardec e os Espíritos que murmuravam:

<http://1.bp.blogspot.com/-mgkkDaCUBjs/TZPDQJ-x1fI/AAAAAAAAAJo/bxj2o1Vzhrw/s1600/Figura%252520projeto%252520imagem%25252018.jpg>.

Acesso em: 23 ago. 2023.

O nosso artigo “Kardec foi médium?”, que foi incorporado nesse ebook, na versão original e com o título anterior, foi publicado em:

– na revista ***Espiritismo & Ciência Especial***, Grandes Temas do Espiritismo, nº 50. São Paulo: Mythos Editora, nov/2011, p. 4-11;

– na ***Revista Cristã de Espiritismo***, nº 105. São Paulo: Minuano, mai/2012, p. 34-37.

– na *Revista semanal de divulgação espírita “O Consolador”*, Ano 12 – Nº 565 – 29 de Abril de 2018, parte 1 e Nº 566 – 6 de Maio de 2018, parte 2 e final.

– na revista ***O Fóton***, volume 13 – dezembro de 2018, Rio de Janeiro: AFE – Rio, p. 20-25.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 8) *Chico*

Xavier: uma alma feminina; 9) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?; 10) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução, e 28) Reencarnação e as pesquisas científicas.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 PIRES, *Mediunidade*, p. 24.
- 2 O “Z” se refere ao Espírito Zéfiro. (KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 298)
- 3 AUBRÉE e LAPLANTINE, *A mesa, o livro e os Espíritos*, p. 44.
- 4 VARTIER, Jean. *Allan Kardec – La Naissance du Spiritisme (Allan Kardec – O Nascimento do Espiritismo)* Paris, França: Livraria Hachette, 1971.
- 5 MIRANDA, *Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular*, in Reformador, ano 91, abril 1973, edição 4, p. disponível em: <http://aron-um-espirita.blogspot.com.br/2017/08/allan-kardec-e-o-misterio-de-uma.html>
- 6 HOME, *Lights and Shadows of Spiritualism*, p. 224, tradução de Lúcia da Silveira Sardinha Pinto Souza.
- 7 Em GUÉNON, *O Erro Espírita*, 2010, esta citação se encontra à página 38.
- 8 GUÉNON, *L'erreur spirite*, p. 34 *apud* AUBRÉE e LAPLANTINE, *A mesa, o livro e os Espíritos*, p. 113.
- 9 GUÉNON, *O Erro espírita*, p. 37-38.
- 10 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 37.
- 11 Frédéric Soulié foi um romancista, dramaturgo, crítico e jornalista francês, nascido em Foix em 23 de dezembro de 1800, falecido em Bièvres em 23 de setembro de 1847. [...] Autor prolífico e muito popular na época, seus maiores sucessos foram, como romancista, *Les Mémoires du Diable* e, no teatro, *La Closerie des Genêts*. Ele está quase esquecido hoje. (fonte: https://fr.wikipedia.org/wiki/Frédéric_Soulié)
- 12 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 315.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 316.
- 14 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 317.

- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 29.
- 16 SILVA NETO SOBRINHO, *Todos nós somos médiuns?*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/735-todos-somos-mediums>
- 17 SILVA NETO SOBRINHO, *Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/960-mediums-sao-somente-os-que-sentem-a-influencia-dos-espiritos-ebook>
- 18 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 139.
- 19 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 62-63.
- 20 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 60-61.
- 21 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 331-332.
- 22 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 163.
- 23 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 340.
- 24 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 29.
- 25 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 1.
- 26 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 21.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 115.
- 28 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 117.
- 29 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 341-342.
- 30 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 274.
- 31 MORAIS, *Cáritas e sua prece histórica*, p. 47.
- 32 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 37.
- 33 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 304.
- 34 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 41.
- 35 Allan Kardec e os Espíritos que murmuravam:
<https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/5d30cca1094830001b9fdb7/548819f1-1f7b-4ed0-aa92->

- 33c83f812ad4/11+--+Kardec.jpg?format=2500w.
- 36 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 119-120.
 - 37 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 244.
 - 38 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, mês de janeiro, p. 1-12.
 - 39 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 115.
 - 40 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 117.
 - 41 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 341.
 - 42 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 433-434.
 - 43 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 435.
 - 44 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 86.
 - 45 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 175.
 - 46 SILVA NETO SOBRINHO, *Allan Kardec e suas manifestações póstumas*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/978-allan-kardec-e-suas-manifestacoes-postumas>